



Terras  
do Côa

da Malcata ao Reboredo

os valores do Côa

## **Ficha Técnica**

### *Título*

Terras do Côa / da Malcata ao Reboredo  
Os Valores do Côa

### *Promotor e Editor*

Estrela-Côa – Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda

### *Concepção e Coordenação*

Parque Arqueológico Vale do Côa

### *Fotografia e Secretariado*

Centro Nacional de Arte Rupestre

### *Edição co-financiada por*

Programa de Desenvolvimento Integrado do Vale do Côa (PROCÔA)  
Promoção do Potencial de Desenvolvimento Regional (PPDR)

### *Design Gráfico*

José Luís Madeira

### *Execução*

SerSilito - Empresa Gráfica, Lda./Maia

### *Tiragem*

1500 exemplares

### *Depósito legal*

124831/98

### *ISBN*

972-97832-0-9

1998

### *Fotografia da capa*

Gravura rupestre de 1944, Foz do Rego da Vide, Vale do Côa (CNART)

## Terras do Côa Da Malcata ao Reboredo

### COORDENAÇÃO:

Alexandra Cerveira Pinto S. Lima

### FOTOGRAFIA:

Manuel Almeida

### AUTORES:

ALEXANDRA CERVEIRA PINTO S. LIMA

Mestre em Arqueologia (Instituto de Conservação da Natureza, colaboradora do Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANA MARGARIDA CARVALHEIRA

Mestre em História de Arte

ANTÓNIO FAUSTINO DE CARVALHO

Mestre em Pré-História e Arqueologia (Parque Arqueológico Vale do Côa)

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA

Arqueólogo (Director do Centro Nacional de Arte Rupestre)

FERNANDO MAIA PINTO

Arquitecto (Director do Parque Arqueológico Vale do Côa)

FRANCISCO SANDE LEMOS

Doutorado em Pré-história e História da Antiguidade (Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho)

GASPAR MARTINS PEREIRA

Doutorado em História Contemporânea (Professor da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; coordenador do Grupo de Estudos Históricos da Viticultura Duriense e do Vinho do Porto - GEHVID)

GONÇALVES GUIMARÃES

Mestre em Arqueologia (Director da Casa Municipal de Cultura/Solar Condes de Resende, V.N.Gaia; assistente convidado da Universidade Portucalense Infante D. Henrique)

HELOÍSA SANTOS

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

ISABEL ALEXANDRA LOPES

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

ISABEL MARIA FERNANDES

Bolseira de Doutoramento do Praxis XXI / Universidade do Minho

JORGE ARGÜELLO

Doutorado em História (pela Univ. de Oviedo) e bolseiro de pós-Doutoramento da *Fundación para el Fomento de la Investigación Científica Aplicada y Técnica del Principado de Asturias*

JORGE FORTUNA

Ecólogo (colaborador do Gabinete Municipal de Arqueologia e História da Câmara Municipal de Matosinhos)

LAURA CASTRO

Mestre em História de Arte (Departamento de Museus e Património da Câmara Municipal do Porto)

MARCOS OSÓRIO

Arqueólogo (Câmara Municipal do Sabugal)

MIGUEL AREOSA RODRIGUES

Mestre em Arqueologia (Instituto Português do Património Arquitectónico/Porto; investigador do GEHVID)

PAULA BARREIRA ABRANCHES

Arqueóloga (investigadora do GEHVID)

PAULO DORDIO

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

RICARDO TEIXEIRA

Mestre em Arqueologia (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigador do GEHVID)

SUSANA COSME

Arqueóloga (Casa do Infante/Câmara Municipal do Porto; investigadora do GEHVID)

SUZANA FARO

Pós-Graduada em Museologia (Responsável pelo Museu da Indústria Têxtil, Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão)

THIERRY AUBRY

Doutorado em Arqueologia (pela Univ. de Bordéus) (Parque Arqueológico Vale do Côa)

# Sumário

Introdução	7	CAPÍTULO III	
CAPÍTULO I		CONSTRUÇÃO E ESPAÇO SAGRADO:	
CENTROS DE POVOAMENTO:		UM PERCURSO PELA ARQUITECTURA RELIGIOSA	
UM PERCURSO PELAS VILAS MEDIEVAIS		Património Religioso Edificado e Arte Sacra.	
Notas de viagem pelas vilas do Riba Côa e algumas vilas no Riba Douro	15	Registo de ocorrências discretas	103
I – Quatro antigas vilas que guardavam o Douro:		<i>O Mosteiro Cisterciense de Santa Maria de Aguiar</i>	117
Freixo de Espada à Cinta, Mós, Urros e Alva	15		
II – No final do século XIII a aldeia de Torre de Moncorvo		CAPÍTULO IV	
substituiu a vila de Santa Cruz da Vilarça	18	SABERES TRADICIONAIS: O BARRO, O FERRO E A SEDA	
III – Vila nova do rei D. Dinis na foz do rio Côa	22	A Olaria	135
IV – Vila Velha de Numão - Um projecto de investigação		– A olaria de Felgar / Larinho	136
arqueológica em curso	24	– A olaria de Santa Comba / Barreira	137
V – Três Comendas Velhas da Ordem de Cristo:		A Olaria de Malhada Sorda	141
Longroiva, Muxagata e Meda	30	O trabalho do ferro	144
VI – Da «cidade» romana dos Aravi à vila medieval e moderna		Olhares sobre a seda nas terras do Côa	151
de Marialva	32		
VII – Da <i>penela</i> alto medieval de «Moraria» à vila fortificada		CAPÍTULO V	
de Moreira de Rei	36	TERRAS DO CÔA: DOMINANDO A PAISAGEM	
VIII – A vila de Trancoso onde D. Dinis festejou as bodas do casamento		Património Natural do Vale do Côa: uma abordagem	163
com D. Isabel de Aragão	38	Senhora do Castelo de Urros	166
IX – Castelo Melhor e Almendra: duas vilas do reino de Leão		Senhora do Castelo da Adeganha	168
que passaram a ser uma só no Reino de Portugal	41	Senhora dos Montes Ermos	170
X – A vila leonesa de Castelo Rodrigo, a vila portuguesa de Pinhel		Marialva	173
e o passo do Côa na Ponte Velha	43	Sabugal Velho	174
XI – A vila medieval de Almeida sob a praça militar de fronteira		Caria Talaia	176
dos séculos XVII e XVIII	51	Sortelha	178
XII – A vila leonesa de Castelo Bom, a vila portuguesa de			
Castelo Mendo e o passo do Côa no Porto de S. Miguel	55	CAPÍTULO VI	
XIII – Duas pontes do Côa no caminho entre três vilas leonesas		TERRAS DO BAIXO CÔA:	
e duas vilas portuguesas	59	PERCURSOS DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA	
		As gravuras, a beleza e a liberdade	183
CAPÍTULO II		O povoamento paleolítico da bacia do baixo Côa	184
O APROVEITAMENTO DE RECURSOS E A CONSTRUÇÃO		Do fim do Paleolítico à aquisição da Escrita no Baixo Côa	190
DA PAISAGEM: UM PERCURSO PELAS QUINTAS		A arte do Côa e Alto Douro e o Centro Nacional de Arte	
Apontamentos sobre a Vinha e o Vinho no Douro Superior	77	Rupestre (CNART)	196
O Côa, as quintas e o povoamento romano subjacente	85	Ler na Paisagem Contemporânea Paisagens Medievais e Modernas	202
– As Quintas	85	Das Escavações arqueológicas ao Museu de Sítio da Ervamoira:	
– Quintas, <i>villae</i> e povoamento em época romana	87	um programa global de investigação multidisciplinar	205
– Outras modalidades do povoamento romano	90	Projecto de Investigação Arqueológica do Território do Monte	
– Percursos	92	do Castelo (Almendra)	209



## Capítulo IV

Saberes Tradicionais:  
o barro, o ferro e a seda

**Miguel Areosa Rodrigues**  
**Isabel Maria Fernandes**  
**Jorge Argüello**  
**Suzana Faro**

## A OLARIA DE MALHADA SORDA

Malhada Sorda é uma pacata freguesia do concelho de Almeida onde teimou em persistir o fabrico de louça feita por mãos femininas. A sua extinção foi-se fazendo gradualmente (Dias 1965: 27 e 29): das 16 oficinas detectadas por Temudo, em 1905 (Temudo 1905: 119), hoje não resta nenhuma. E, durante os últimos anos, essa actividade manteve-se nas mãos de uma única oleira que trabalhava quando lhe aprazia, mais para recordar outros tempos do que para da arte tirar sustento para a sua já longa vida.

Podemos assim dizer que morre desta forma inglória um fabrico que abasteceu as terras circundantes durante largos lustros, pelo menos desde 1899, data a que os documentos – sempre tão parcos nestas referências às artes ditas tradicionais – nos permitem recuar (Lepierre 1899: 45).

Há duas peculiaridades neste centro olárico que convém reter. O fabrico da louça ser feito por mulheres e em roda baixa.

Na segunda metade deste século ainda se detecta o fabrico de louça feita por mulheres em quatro localidades da Península Ibérica: duas em Portugal, Malhada Sorda (Almeida, Guarda) e Pinela (Bragança, Bragança); e duas em Espanha, Pereruela e Moveros na província de Zamora.

Em Malhada Sorda coexistiu durante vários anos o fabrico de louça feita na roda baixa por mulheres e no torno por homens. Se esta divisão sexual do trabalho e da ferramenta de trabalho (roda versus torno) é muito antiga não o sabemos. O primeiro autor a falar nesta divisão é Temudo, em 1905, dando conta da existência de 16 oficinas onde laboravam as mulheres e 3 oficinas onde laboravam os homens (Temudo 1905: 119). Em 1949, Joaquim Sellés Pais de Vilas Boas refere 20 oficinas de mulheres, onde se utiliza a roda baixa e duas de homens, onde se utiliza o torno<sup>1</sup>. Em 1962, Margarida Ribeiro já só detecta 12 oficinas de mulheres (roda baixa) e 1 de homens (torno) (Ribeiro 1962). Em 1963, Jorge Dias e a sua equipa deparam apenas com 9 mulheres a trabalhar à roda (Dias 1965: 29). Em 1982, Emili Sempere já só encontra uma oleira (Sempere 1982: 327-328). Hoje já não há mãos a afagar o barro...

Todas as fases da preparação da pasta e fabrico das peças – desde que o barro chega à oficina até que as peças depois de prontas são submetidas ao enxugo – são tarefa da mulher. O homem apenas colabora em quatro etapas da produção: na extracção do barro do barreiro e no seu transporte em cestos até à oficina, às costas ou sobre o lombo de muares; na apanha de giesta, combustível utilizado na cozedura da loiça, pelos montes vizinhos e também transportada pelos burros; na cozedura da loiça, sendo ele



Venda de louça de Malhada Sorda.  
(Reprod. de postal ilustrado existente  
no Museu de Olaria)

quem acama as peças no forno e as coze; na venda da loiça pelas terras e feiras das redondezas transportando-a também sobre o dorso de muares.

A utilização da roda baixa em Portugal é detectada em 12 centros oláricos: Pinela, Bisalhães, Lordelo, Gondar, Gove, Malhada Sorda, Soalhães, Ancede, Ossela, Castelões, Paus e Ribolhos. Em todos estes centros, com excepção de Pinela e Malhada Sorda, produzia-se loiça preta (Fernandes 1997).

Mas detenhamo-nos apenas sobre Malhada Sorda, tema destas linhas. Aqui a construção das peças pode ser feita de dois modos diferentes: quando se trata de peças pequenas utiliza-se a técnica a puxar, quando se trata de peças de maiores dimensões combina-se a técnica a puxar com a por pegaduras<sup>2</sup>. A puxar a oleira coloca um pedaço de barro sobre o tampo da roda que previamente polvilhou com cinza para que as peças a ele não adiram, e trata então de com a mão esquerda imprimir movimento à roda e com a direita de abrir o barro por forma a constituir as paredes do recipiente, tarefa que completa com o auxílio das duas mãos. Peças de maiores dimensões inicia-as a puxar e, após um período de secagem desta parte inferior da peça (o fundo) vai acrescentando rolos de massa sucessivos (técnica do rolo em espiral)<sup>3</sup>, tarefa que designa por pegaduras. No final, alisa toda a peça com o auxílio de singelos utensílios de trabalho: a faca e a sola. É de notar que, ao contrário da roda baixa utilizada nos centros oláricos de louça preta acima referidos, aqui a mulher não utiliza só as mãos para imprimir movimento à roda, serve-se também para o efeito do seu pé esquerdo. «Concretizando: a roda está parada ao pegar o rolo; a andar, movida com a mão, para principiar a peça e movimentada com o pé sempre que se puxa. Como é posta a roda em movimento com o pé? O pé esquerdo, em movimentos da frente para a retaguarda, vai empurrando os braços das cruces da roda comunicando-lhe movimento. A posição da perna levantada, que só assenta à passagem do braço das cruces da roda para a impulsionar, um equilíbrio incómodo, torna o trabalho extraordinariamente violento» (Vilas Boas 1949: 299).

A loiça é cozida em forno de duas câmaras superiormente descoberto e envolve uma série de pessoas: a oleira ou oleiras, os forneiros, familiares e vizinhos<sup>4</sup>. Produziam-se cântaros, talhas, barranhões, tigelas, barris, púcaros, potes, tapadoiras e vasos<sup>5</sup>, sendo singela a decoração aposta em algumas destas peças. A loiça era depois vendida pelos homens nas terras e feiras das redondezas. Em 1905, esta loiça chegava aos «concelhos de Almeida, Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda, Pinhel, Sabugal e Trancoso» (Temudo 1905: 119). Nos povos das redondezas vendia-se a loiça a troco, costume muito usual em épocas mais recuadas, nas feiras vendia-se a dinheiro.

A última oleira que ainda produzia simplificou muitas das tarefas de antigamente – a produção era exígua não justificando afazeres de outras épocas em que esta loiça tinha serventia nos lares da Beira, quer na preparação dos alimentos quer na sua conservação. Restou, pois, nos tempos modernos mais a recordação dos gestos e da memória de outros tempos do que a reprodução de saberes ancestrais...

## Bibliografia

- DIAS 1964 Margot Dias – Técnicas primitivas de olaria com especial referência à África. «Revista de Etnografia». Porto: Junta Distrital do Porto. 3: 1 (Jul. de 1964) 69-114.
- DIAS 1965 Jorge Dias – Da olaria primitiva ao torno de oleiro: com especial referência ao Norte de Portugal. «Revista de Etnografia». Porto: Junta Distrital do Porto. 4: 1 (Jan. de 1965) 5-31.
- FERNANDES 1997 Isabel Maria Fernandes – Locais de produção de louça preta em Portugal. In «A louça preta em Portugal: olhares cruzados». Porto: CRAT, 1997. P. 29-32.
- LEPIERRE 1899 Charles Lepierre – Estudo químico e tecnológico sobre a cerâmica portuguesa moderna. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899.
- OLIVEIRA 1984 Ernesto Veiga de Oliveira – Olaria em Malhada Sorda. In «Olaria em Malhada Sorda: projecção dos filmes». Barcelos: Museu de Olaria, 1984.
- RIBEIRO 1962 Margarida Ribeiro – Contribuição para o estudo da cerâmica popular portuguesa. «Revista de Guimarães». Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. 72: 3-4 (1962) 392-417.
- SEMPERE 1982 Emili Sempere – Ruta a los alfares España-Portugal. Barcelona: ed. do autor, 1982.
- TEMUDO 1905 [Fortunato Augusto Freire] – Estudo sobre o estado actual da indústria cerâmica na 2ª circunscrição dos serviços técnicos da indústria. Lisboa: Imprensa Nacional, 1905.
- VILAS BOAS 1949 Joaquim Selles Pais de Vilas Boas – Malhada Sorda: centro oleiro beirão. In «Homenaje a Don Luis de Hoyos Sainz». Madrid, 1949. Vol. I.

## Notas

<sup>1</sup> Esta informação é publicada por Jorge Dias, baseando-se em informações recolhidas nos apontamentos de campo de Joaquim Selles Pais de Vilas Boas (Dias 1965: 27, nota 61).

<sup>2</sup> Há vários autores que descrevem pormenorizadamente as técnicas de fabrico usadas neste centro olário e cuja leitura aconselho: Vilas Boas 1949; Dias 1965; Oliveira 1984: 5-9. Veja-se também o texto de Margarida Ribeiro e as duas fotos que o ilustram sobre o fabrico das peças em Malhada Sorda (Ribeiro 1962).

<sup>3</sup> Leia-se a este propósito o sempre actual texto de Margot Dias (Dias 1964).

<sup>4</sup> Sobre o modo de cozer a loiça neste centro olário leiam-se os elucidativos textos de Vilas Boas 1949 e Oliveira 1984.

<sup>5</sup> Possui o Museu de Olaria/Barcelos um conjunto de mais de 70 peças de olaria e ferramentas recolhidas, em 1985, em trabalho de campo, por Maria da Graça Freitas e Manuel Marinho de Macedo Correia.